

**CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA
DIRETORIA DE ENSINO
CENTRO DE ENSINO BOMBEIRO MILITAR
CENTRO DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DE PRAÇAS**

Joyce Cristina Kaiber

A mulher do Corpo de Bombeiros Militar: paradigmas e superações

KAIBER, Joyce Cristina. **A mulher do Corpo de Bombeiros Militar**: paradigmas e superações. Curso de Formação de Soldados. Biblioteca CEBM/SC, Florianópolis, 2012. Disponível em: <Endereço>. Acesso em: data.

**Florianópolis
Abril 2012**

A MULHER DO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR: PARADIGMAS E SUPERAÇÕES

Joyce Cristina KAIBER¹

RESUMO

O presente artigo visa compreender as dificuldades que as femininas do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina venham ter durante o curso e após a formação, discutindo a quebra de paradigmas e a força da mulher na superação dos desafios frente a preconceitos e estereótipos. Para a realização do estudo, foi utilizada uma pesquisa exploratória, baseada em uma pesquisa bibliográfica para fundamentar o referencial teórico, e em entrevistas para coletar dados práticos sobre o tema. A fundamentação teórica investigou a inserção da mulher no mercado de trabalho, na vida militar e no Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina. As entrevistas, realizadas com as alunas soldado do Curso de Formação Bombeiro Militar, em 2012, enfocaram as interpretações pessoais sobre a realidade das futuras bombeiras militares. Ressalta-se que a importância do estudo está na discussão sobre a formação e o treinamento de masculinos e femininos pois, mesmo sendo igual para ambos os sexos, as mulheres, depois de formadas são, em geral, colocadas em serviço administrativo, o que representa paradigmas preconceituosos quanto à capacidade feminina de enfrentar as situações para as quais foram treinadas, sem considerar sua habilidade no que diz respeito à superação de desafios.

Palavras-chave: Mulher. Corpo de Bombeiros Militar. Superação de paradigmas e preconceitos.

1 INTRODUÇÃO

Da famosa frase “Lugar de mulher é na cozinha” à atual condição feminina no mercado de trabalho, atuando em profissões predominantemente masculinas, milhares de passos foram dados, inclusive com a participação clandestina em combates.

Com a permissão inicial de apenas prestar serviços assistenciais, as mulheres nas Forças Armadas demonstraram que, apesar da força física limitada, têm condições de enfrentar desafios em campo; e, aos poucos, sua atuação foi se expandindo para todos os campos, incluindo as polícias militares e os corpo de bombeiros.

¹ Aluna Soldado do CEBM. Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina. Graduada em Educação Física. Email: joycekaiber02@hotmail.com

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo geral compreender as dificuldades que as femininas do corpo de bombeiros militares de Santa Catarina têm durante o curso e após a formação, discutindo a quebra de paradigmas e a força da mulher na superação dos desafios frente a preconceitos e estereótipos.

Para discutir o tema, o artigo foi estruturado em três tópicos: a inserção da mulher no mercado de trabalho, a inserção da mulher na vida militar e, por último, no Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa exploratória, fundamentando o referencial teórico numa pesquisa bibliográfica e fazendo uso de entrevistas como técnica de coleta de dados.

A justificativa para o estudo encontra-se na discussão sobre a formação e o treinamento de masculinos e femininos visto que, apesar de serem os mesmos para ambos, coloca as mulheres em funções de gabinete, administrativas e burocráticas, sem considerar sua capacidade para trabalhar em campo, colocando em prática as atividades de resgate e salvamento para que foram treinadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho

Diz Cora Coralina, em frase disponível no *site* Pensador (2012)

A vida tem duas faces: positiva e negativa. O passado foi duro, mas deixou o seu legado. Saber viver é a grande sabedoria. Que eu possa dignificar minha condição de mulher, aceitar suas limitações e me fazer pedra de segurança dos valores que vão desmoronando. Nasci em tempos rudes. Aceitei contradições, lutas e pedras como lições de vida e delas me sirvo. Aprendi a viver.

A frase a seguir se enquadra perfeitamente na história e nas superações que a mulher vem enfrentando. “Aprendi a viver” é o que de melhor a mulher tem feito ao longo dos tempos, superando paradigmas, vencendo desafios (“contradições, lutas e pedras”) e mostrando sua força, sua coragem e determinação.

De acordo com Dias (2001), sua luta pelo reconhecimento como pessoa livre e dotada de capacidades vem desde tempos remotos, quando não tinha direitos, era considerada propriedade do homem, o ser mais forte, detentor de sabedoria e poder, que devia dominar a mulher, o ser frágil e incapaz. A autora (2011) completa: “para justificar a discriminação contra a mulher Aristóteles chegou a dizer que ela não tinha alma. Assim, como um objeto,

não merecia sequer respeito. Era considerada uma mercadoria. Não só para compra, mas também para venda”.

Para Bourdieu (1999 apud MAINARDI, 2009, p. 38), “desde o Antigo Testamento, atribuem-se gêneros feminino e masculino aos aspectos de contraste entre forma e matéria, atividade e passividade, alma e carne”. O homem está relacionado à inteligência, ao domínio, aos atos perigosos como guerras e caçadas; a mulher está ligada ao corpo, à beleza e ao prazer, devendo realizar trabalhos domésticos e cumprir suas obrigações conjugais.

Parafraseando Dias (2010), estas diferenças físicas e biológicas que definem os gêneros masculino e feminino levaram um longo tempo para deixar de servir como base para o tratamento da mulher no campo social, em especial no mercado de trabalho. Com a evolução dos modos de produção e a descoberta das máquinas a vapor e do motor de combustão, a força física do homem deixou de ser aspecto essencial ao trabalho, dando margem ao surgimento do trabalho feminino, conforme ressalta Oliveira (2004, p. 1): “com o uso crescente de máquinas e de energia, deslocou-se muito da importância atribuída ao homem, para os equipamentos e para a tecnologia. [...] a grande vantagem do homem sobre a mulher passou, então, a ser cada vez menor”.

Todavia, as diferenças também foram motivo para maior exploração das mulheres quando da Revolução Industrial, como explica Mello (2003, p. 115):

Historicamente, verifica-se a exploração sem limites do trabalho feminino [...]. na Revolução Industrial, ponto de partida da luta das mulheres por direitos, o empregador utilizava-se dessa mão-de-obra para reduzir o custo da produção e os abusos desse liberalismo suscitou protestos e reivindicações dos trabalhadores em prol de uma proteção jurídica estatal no que se referia ao trabalho das mulheres [...].

Parafraseando o referido autor (2003), as transformações no sistema de produção e a consolidação do capitalismo, no século XIX, aliadas às duas guerras mundiais, já no século XX, contribuíram para que as mulheres assumissem um lugar no mercado de trabalho, substituindo os homens que foram para os campos de batalha, e passassem a lutar mais intensamente por seus direitos. Canezin (2007, p. 148) corrobora:

Foi, pois, na segunda metade do século XX, quando as mulheres começaram a sair de casa para trabalhar fora, que começaram também a pensar em direito ao sexo, em salários iguais para funções iguais [...] e na plena igualdade de direitos na sociedade. Foi nesse período histórico efervescente do pós-guerra, que surgiram ativistas feministas e pensadoras como Simone de Beauvoir, Betty Friedan e Camile Paglia, que empunharam a bandeira da defesa dos direitos femininos já antes desfraldada por Alice Paul e Elizabeth Stanton.

Neste caminho, Nascimento (1997) diz que algumas leis foram surgindo para proteger o trabalho da mulher e diminuir a exploração feminina, como: proibição, na Inglaterra, do trabalho feminino em subterrâneos (1842), limitação da jornada de trabalho a 10

horas e meia por dia durante a semana e até as 16h30 aos sábados (1844), Tratado de Versalhes estabelecendo a igualdade salarial (1919).

No Brasil, de acordo com Calil (2007, p. 1), “A Lei n.º 1.596, de 29 de dezembro de 1.917, que instituiu o Serviço Sanitário do Estado [SP], proibiu o trabalho de mulheres em estabelecimentos industriais no último mês de gravidez e no primeiro puerpério”. Ainda segundo a autora, uma lei federal, instituída pelo Decreto nº 16.300/1923, também estabelecia o direito a trinta dias de licença antes ou após o parto, facultava o direito à amamentação e previa creches nas organizações trabalhistas.

Contudo, como continua Calil (2007), muitas destas leis não visavam exatamente proteger os direitos da mulher trabalhadora, mas proibir alguns tipos de atividades; somente a partir da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943, houve realmente o intuito de proteger a mulher em sua atividade laboral, resguardando sua saúde, sua moral e sua capacidade reprodutiva.

A Constituição Federal (CF) de 1988, por sua vez, além de estabelecer a igualdade entre homens e mulheres, conforme expõe Calil (2007, p. 4), ainda dispõe sobre “licença-maternidade; estabilidade à gestante; proteção do mercado de trabalho da mulher e proibição de diferenças de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo”. A própria autora cita, ainda, as leis nº 9.029/95, nº 9.799/99 e nº 10.421/2002, as quais também trouxeram benefícios à mulher trabalhadora.

É preciso ressaltar, ainda, conforme Dias (2011, grifo nosso), que, no Brasil, a mulher só foi reconhecida como cidadã quando obteve o direito ao voto, em 1932; trinta anos mais tarde, o Estatuto da Mulher Casada eliminou a submissão da mulher à vontade do marido e, após o advento da CF, estabelecendo a igualdade entre homem e mulher, o Novo Código Civil, de 2002, veio corroborar esta equivalência, substituindo o arcaico “pátrio poder” pelo “poder familiar” e conferindo à mulher o direito de também ser responsável pela chefia da sociedade conjugal.

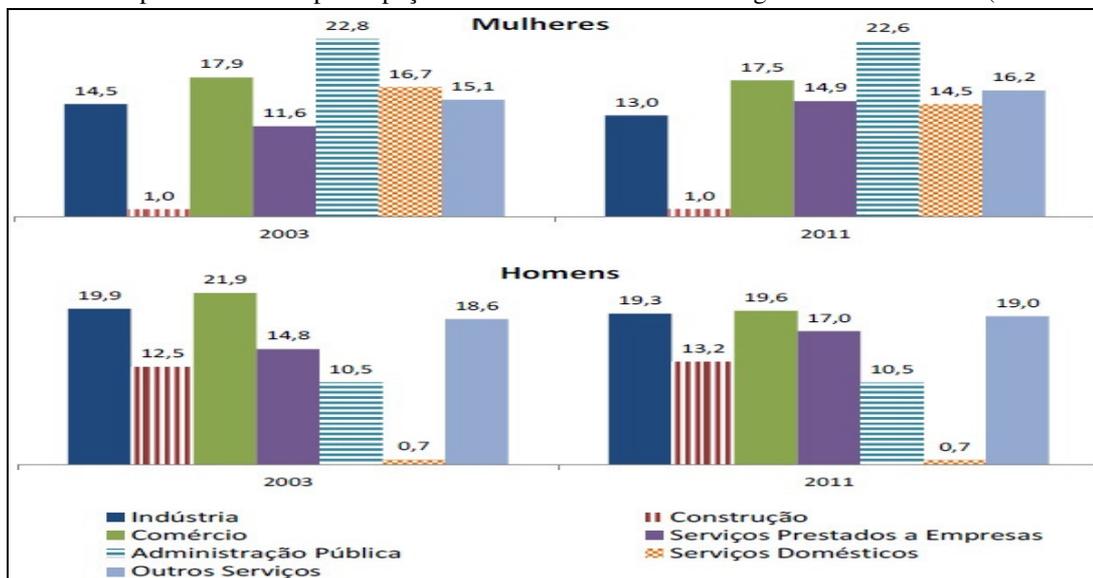
Deste modo, tanto os avanços na vida civil quanto no mercado de trabalho representaram grandes conquistas femininas, muito embora, como afirma Dias (2011) não tenham garantido igualdades reais, já que, na prática, “continua percebendo menos do que o homem, ainda que desempenhe igual labor, sendo rarefeita sua presença nos postos de poder”.

Por outro lado, mesmo tendo permissão legal para viver e trabalhar em igualdade de condições com os representantes do sexo masculino, a maioria das mulheres está concentrada em cargos e funções relacionados aos setores da educação e saúde. Segundo Camargo (2012), “ainda nos dias de hoje é recorrente a concentração de ocupações das mulheres no mercado de trabalho, sendo que 80% delas são professoras, cabeleireiras,

manicures, funcionárias públicas ou trabalham em serviços de saúde”. Souza-Lobo (1991 apud MAINARDI, 2009, p. 41-42, grifo do autor) corrobora: “[...] a concentração das mulheres em profissões como educação, saúde e assistência social remete às representações simbólicas que associam a mulher aos serviços sociais”.

Mesmo assim, segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012), a participação da mulher nos grupamentos econômicos demonstra que sua força de trabalho pode ser empregada nas mais diversas atividades, desde o serviço doméstico até a construção civil, como pode ser observado no gráfico 1, abaixo:

Gráfico 1: Comparativo entre a participação masculina e feminina nos segmentos econômicos (2003 e 2011)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012)

De acordo com o gráfico 1, é possível observar que a mulher vem se igualando ao serviço “masculino” propriamente dito. Paradigmas de sexo frágil, mulher submissa e incapaz, destituída de vontade, dependente, destinada apenas aos cuidados com o lar e a família, foram quebrados por meio de muita luta, dor, humilhação e preconceito. Para Gomes (2007, p. 6):

A mulher esteve adormecida durante várias décadas, aceitando a situação de dependência. A sua luta, inicialmente, foi esparsa, com um ou outro movimento aqui ou ali... [...] porém, hoje, a mulher tem plena consciência de seu potencial, dos seus direitos e demonstra seu grande valor como cidadã, como mãe, como trabalhadora. Tem quebrado barreiras, conceitos e preconceitos e a sociedade como um todo precisa se engajar nessa luta que é de todos.

Teles (apud SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2005, p. 19) também fala sobre as mulheres e o desafio de entrar no mercado de trabalho: “mulheres verdadeiramente guerreiras que enfrentaram todo tipo de preconceito por parte de seus maridos, familiares e da própria comunidade em geral. Aprenderam a driblar as adversidades de tempo, lugar, cenários econômicos e por que não dizer históricos até!”.

Mesmo que a igualdade entre os gêneros não seja algo realmente concreto, as mulheres não desanimam, persistindo em sua luta para trilhar os caminhos que consideram ideais à sua felicidade e plena realização. Nas palavras de Possamai (2011, p. 13): “é inegável que o mundo em que vivemos está bem distinto de antes, pois no que se refere à mulher, sua função no meio social acompanhou todas as mudanças econômicas, educacionais e políticas ocorridas ao longo dos tempos. No mundo militar não seria diferente”.

2.2 A Inserção da Mulher na Vida Militar

Conforme diz Magnavita (2010), “para os gregos, a divindade militar era Atena, por seu raciocínio. No catolicismo, Joana D'Arc foi o símbolo da resistência, enquanto no Brasil, Maria Quitéria foi uma das notórias heroínas pela luta da independência do país”.

Mesmo assim, de acordo com Mainardi (2009), o processo de inserção da mulher nas atividades militares foi longo e difícil, já que era preciso superar muitas barreiras culturais, estereótipos e preconceitos para atuar num mundo essencialmente masculino. Sobre este processo, denominado feminização, Lombardi (2009, p. 19, grifo do autor) comenta:

A expressão ‘feminização’ costuma designar o processo de inserção e ampliação da presença das mulheres em ambientes de trabalho e profissões majoritariamente masculinos. Mais do que a análise da expansão feminina por meio de números, a perspectiva teórica subjacente à categoria analítica ‘feminização’ sugere o estudo das mudanças nas relações sociais entre os sexos, nas identidades e representações profissionais e mudanças institucionais de várias ordens, que costumam acompanhar a integração de mulheres em profissões ou áreas de trabalho tradicionalmente masculinas.

Continuando com Lombardi (2009), depreende-se que, em países como Estados Unidos, Alemanha e Canadá, por exemplo, as mulheres já são admitidas nas Forças Armadas desde a década de 70, principalmente em função da diminuição de efetivos e da necessidade de maior qualificação para o alto nível tecnológico. Além disso, ao contrário de países como Brasil e Inglaterra, as Forças Armadas permitem a participação de mulheres em combate. Observe, na tabela 1, a taxa de feminização das Forças Armadas em alguns países:

Tabela 1: Taxas de feminização das Forças Armadas em países selecionados (em %) 2002-2004 * 2005**

Países	Total	Exército	Aeronáutica	Marinha
Alemanha	5,5	6,6	5	8
Canadá	12,5	10,5	17	12
Espanha	10,5	10	11	10
França	13,1	9,5	18	12
Holanda	8,5	8	9	9,5
Inglaterra	9	7,5	11	9
<i>BRASIL</i>	<i>1,3</i>	<i>1,5</i>	<i>1</i>	<i>0,9</i>

* Alemanha, Canadá, Espanha, França, Holanda e Inglaterra; ** Brasil
Fonte: Frotié e Porteret, 2005; IBGE- PNAD 2005 (apud LOMBARDI, 2009)

Segundo Lombardi (2009), no Brasil, apenas recentemente elas passaram a integrar de modo um pouco mais concreto as forças militares, como se pode observar pelos exemplos: admissão de mulheres nas guardas civis de São Paulo em 1955, ingresso nas polícias militares de outros Estados entre 1970 e 1980, admissão na Marinha brasileira a partir de 1980, no Exército a partir de 1987, na Força Aérea Brasileira (FAB) em 1996. Especificamente sobre as mulheres nas Forças Armadas brasileiras, Lombardi (2009) apresenta um breve retrospecto, inclusive com algumas participações clandestinas:

- 1823 – Maria Quitéria de Jesus Medeiros, usando um disfarce masculino, lutou contra os portugueses na Bahia;
- 1932 – participação clandestina de Ana Vieira da Silva na Revolução Constitucionalista;
- 1944 – recrutamento, pelo Exército e Aeronáutica, de moças para atuar como enfermeiras nos hospitais, durante a Segunda Guerra Mundial;
- 1980 – primeira turma de mulheres admitidas como reservas da Marinha;
- 1981 – primeira turma feminina na Força Aérea brasileira;
- 1992 – primeira turma feminina no Exército, voltada à área administrativa;
- 1994 – permissão para serviço militar feminino, de modo voluntário;
- 1996 – admissão de médicas, dentistas, farmacêuticas e enfermeiras como militares temporárias no Exército;
- 1997 – extinção da reserva feminina da Marinha e integração das mulheres nos Quadros da Força, embora com a proibição de ingresso na Armada e como fuzileiras;
- 1998 – primeira participação das mulheres em navios hidrográficos, oceanográficos, de guerra e em helicópteros navais;
- 2004 – primeira vez em que uma mulher pilota uma aeronave da FAB.

Como se pode observar, a permissão para a presença feminina na área militar ocorreu, inicialmente, como forma de auxílio médico, com destaque para a presença de Ana Néri, na Guerra do Paraguai, como informa Pascal (2006 apud BASTOS 2009, p. 15):

O principal nome representando as mulheres na guerra foi o da enfermeira Ana Néri, que optou por acompanhar seus filhos e irmãos no campo de batalha. Durante toda a campanha, Ana Néri prestou serviços nos hospitais militares [...] vendo morrer na luta um de seus filhos. [...]. Assim como Ana Néri, muitas outras mulheres serviram à pátria na Guerra do Paraguai: Florisbela, Maria Curupaiti e Jovita Alves Feitosa, foram algumas dessas mulheres, que mesmo sem qualquer tipo de direito ou assistência, lutaram ao lado de outros brasileiros. Estas foram as pioneiras que abriram as portas do Exército Brasileiro para as mulheres, porém, por mais de um século, a participação destas ficaria restrita aos serviços de enfermagem, profissão símbolo das primeiras tentativas de emancipação feminina no Brasil.

Para Marques e Hiron (1982, p. 11 apud LOMBARDI, 2009, p. 38, grifo do autor):

A contribuição das mulheres à corporação visou, assim, ‘utilizar o trabalho feminino no desempenho de uma atividade masculina, liberando o militar para emprego no mar’ e aproveitá-las em funções que ‘pela peculiaridade da intuição feminina, são por elas melhor realizadas, como p. ex., nutricionistas, assistentes sociais, psicólogas, enfermeiras, bibliotecárias e auxiliares de enfermagem’.

Como diz Possamai (2011, p. 13), o paradigma de que a mulher é “uma boneca de porcelana, frágil, delicada, que ao menor esforço ou pressão poderia se deteriorar” foi, aos poucos, sendo quebrado, superado pelo esforço e pela determinação femininos em demonstrar que as mulheres estavam sendo subestimadas. Dados do *blog* Maria Maria (2010) corroboram e defendem uma maior participação das mulheres no cenário militar:

Certamente que a participação das mulheres brasileiras na Guerra do Paraguai e, posteriormente, na Segunda Guerra Mundial ajudou a consolidar o seu papel na sociedade e a influenciar as transformações ulteriores nas relações de gênero. [...]. Mesmo isentas da prestação de serviços militares, as mulheres ingressaram às forças de maneira voluntária, e, talvez por isso, sua participação deva ser levada mais em conta. Uma reestruturação das Forças Armadas é necessária para que a mulher brasileira possa ingressar de uma maneira voltada à meritocracia, e não quando surgir a necessidade de complementar um grupo desfalcado.

Retomando Lombardi (2009), o processo de feminização das atividades militares marca uma ruptura na história das corporações militares, trazendo uma inovação histórica no enfrentamento do desafio de desfazer a ideia de fragilidade feminina, substituindo-a, durante a formação e em serviço, por qualidades como inteligência, empatia, carinho e dedicação, características indispensáveis ao bom relacionamento com os colegas e com a sociedade em geral.

2.3 A Mulher no Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina

Parafrazeando Mainardi (2009), assim como em outras áreas militares, as mulheres também adentraram nas corporações de bombeiros militares, passando pelas mesmas dificuldades durante os cursos de formação e os treinamentos necessários ao desenvolvimento das habilidades essenciais às atividades de salvamento e resgate, seja como salva-vidas ou na prestação de serviços como combate a incêndios ou atendimento pré-hospitalar (APH). Contudo, após a formação, a maioria é colocada em funções administrativas, o que, às vezes, gera sentimento de insatisfação, pois todas desejam participar, na prática, da missão do CBMSC, ou seja, contribuir para a preservação de vidas e bens. Para Mainardi (2009, p. 39, grifo do autor):

Assim, instituições escolares e militares impõem verdadeiras provas de virilidade, das quais as mulheres acabam sendo excluídas dos ‘grupos viris’, das redes informais de poder, privadas de informações privilegiadas, despreparadas para os

jogos e estratégias políticas das instituições, para o *lobbying* e para a negociação que condicionam o acesso aos postos de poder.

Em Santa Catarina, de acordo com dados repassados pela Cap Adriana (informação verbal, 2012), a primeira mulher a integrar o Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC) foi a CB BM Adinair, em 1995. Atualmente, existem 72 (setenta e duas) femininas na corporação, assim distribuídas: 01 capitão, 05 tenentes, 04 sargentos, 01 cabo, 06 cadetes e 55 soldados. Há, ainda, 10 (dez) mulheres participando do Curso de Formação de Soldados, as quais deverão ser integradas à corporação no próximo mês. A própria Cap Adriana lembra que, em 2013, serão comemorados “30 anos do ingresso da mulher na carreira militar em SC, inicialmente na PM”.

Ainda segundo a Cap Adriana (informação verbal, 2012), antes que ela mesma ingressasse no CBMSC, em 2003, outra mulher já se destacava na corporação: a hoje Sub Ten RR Adriana, que comenta (informação verbal, 2012, grifo da autora) esta trajetória da mulher na vida militar e relata sua própria experiência em relação ao preconceito contra a mulher:

[...] até hoje nós sofremos [...] deste mal. Quando resolveram criar a PM FEM, não pensaram que nós tínhamos frio, calor, que éramos pessoas com emoções; sofremos com todas estas situações, mas não me senti menor ou rejeitada, sempre me deu forças para ser melhor e buscar minha superação em uma profissão que eu sempre amei, todos os percalços me deram motivação para aprimorar e buscar minha vitória. Hoje, aposentada, me sinto realizada, sempre fiz tudo o que podia por mim, pelos meus subordinados e pela minha corporação, sempre dentro de uma idéia de líder servidor e exemplo; foi muito difícil no começo, mas acredito que hoje sofremos tanto ou mais preconceito que no passado, só que hoje somos vencidas pela nossa falta de união e de propósito, cada uma luta pela sua causa, no passado lutávamos por nossa causa. Mas me sinto muito realizada por tudo o que fiz e passei tanto na PMSC que foram 20 anos, quanto no CBMSC que foram 7 anos na ativa, além deste da reserva; fiz cursos ditos de homens e provei que somos capazes de fazer qualquer coisa e que a determinação é que vai dizer quem somos e o que queremos, por isso sempre corri atrás e me sinto REALIZADA.

Retomando Mainardi (2009), assim como os masculinos, as femininas participam do Curso de Formação de Soldados, recebendo treinamento e formação especializados, de modo a desenvolver os conhecimentos e capacidades necessários à atuação nas mais diversas áreas. As disciplinas ministradas, segundo o currículo do Curso de Formação de Soldados (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2012) envolvem disciplinas de base comum (missão bombeiro, cultura institucional, direito aplicado à atividade bombeiro militar, linguagem e informação e eficácia pessoal) e de base específica (salvamento, combate a incêndio, prevenção, tecnologia na atividade de bombeiro e exercício de adestramento).

Nestas disciplinas de base específica, mulheres e homens, aprendem atividades como APH, resgatar pessoas e bens seja na água ou em terra, fazer salvamento em alturas,

combater incêndios, conduzir viaturas e utilizar armamento de fogo, dentre outras atividades.

Então, a suposição mais natural é que, concluída a formação, tanto masculinos quanto femininos estejam habilitados e possam atuar tanto em campo quanto em setores burocráticos; entretanto, a maioria do efetivo feminino é colocada em funções administrativas, reclamação que não significa desvalorização destas atividades, mas o desejo de atuar em campo, de poder estar em contato com a sociedade à qual presta serviços, com a mesma responsabilidade assumida pelo efetivo masculino. Possamai (2011, p. 14) reforça:

Vale salientar que não se está valorizando o serviço operacional em detrimento do serviço de gabinete, o que deve esclarecer é que a função da mulher no Corpo de Bombeiros praticamente se resumia à seção, como se não fosse apropriado a ela trabalhar em um serviço mais prático e de campo e [...], frustrando aquelas que esperam da vida de bombeiro bem mais que digitarem documentos ou organizarem arquivos.

Um exemplo disso é a informação sobre a Soldado Bombeiro Suelen Leonardo Passos, do Corpo de Bombeiros Militar de Rondônia, publicada no *site* Fatos e Notícias (2010):

Suelen conta que já participou de missões perigosas, e lembra que no final do ano passado estava na guarnição que teve que controlar a explosão e incêndio de um caminhão cisterna na BR 364. ‘Foi uma missão difícil, em que tive que trabalhar ombro a ombro com meus companheiros’, enfatizou.

É preciso eliminar a desigualdade presente na vida militar, pois, como diz o Major Torres (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO RIO DE JANEIRO, 2012): “as mulheres mostram-se tão capazes, determinadas e abnegadas quanto os homens, superando todas as expectativas [...]”. Como dizia Cora Coralina, no início deste artigo, as mulheres aprenderam a viver. Agora é a vez de os homens reconhecerem isso.

3 METODOLOGIA

De acordo com Rodrigues (2007), esta pesquisa pode ser assim caracterizada:

- a) quanto à natureza – é uma pesquisa bibliográfica, pois está baseada no conhecimento disponível sobre o tema;
- b) quanto aos objetivos – é uma pesquisa exploratória, visando maior familiarização com o problema, tanto por meio do levantamento bibliográfico quanto de entrevistas que forneceram dados para complementar a pesquisa;
- c) quanto à forma de abordagem – é uma pesquisa qualitativa, já que apenas analisa e interpreta os fatos, não quantificando os dados obtidos.

3.1 Coleta de Dados

De acordo com Rodrigues (2007), a coleta de dados é o processo padronizado por meio do qual são recolhidas as informações complementares à pesquisa; podem ser utilizados, para isso, questionários, entrevistas ou observação sistemática, por exemplo.

Neste caso, a coleta de dados foi feita utilizando-se entrevistas que visavam responder às seguintes perguntas: Você acha que existe preconceito em relação à presença das mulheres na corporação? Você já sentiu alguma dificuldade?

3.2 Universo da Pesquisa

Ainda conforme Rodrigues (2007), universo da pesquisa é a população que respondeu à entrevista. Assim sendo, o universo desta pesquisa é composto por 08 (oito) alunas soldado que participam do Curso de Formação de Bombeiros Militares. Por questões de privacidade, as alunas serão apresentadas como A, B, C, D, E, F, G e H.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ressalta-se, aqui, antes da exposição dos resultados das entrevistas, uma breve análise realizada pela pesquisadora (2012) sobre a quantidade de femininas em serviço no setor operacional do CBMSC, em Florianópolis: no momento, não há registro de mulheres neste setor.

Sobre as informações coletadas nas entrevistas, a maioria das alunas respondeu que o preconceito pode ser percebido na corporação principalmente no que se refere à questão da força física, como demonstram os depoimentos abaixo:

Aluna A - Por ser mulher sinto preconceito. Os homens acham que nós não somos capazes de realizar os mesmos serviços que eles. Eles acham que nos somente nos encaixamos no serviço administrativo.

Aluna B - A mulher ganhou muito seu espaço no meio militar, mas há algumas pequenas discriminações como, por exemplo, brincadeiras sem graça que ridicularizam a mulher, comentários de que não somos capazes de fazer as atividades impostas pelo curso. Mostramos, diversas vezes, que somos melhores que muitos homens, mas a visão de frágil continua nos perseguindo.

Aluna C – [...] a única diferença que pesou um pouco durante o curso foi a parte física, a qual acaba diferenciando um sexo do outro e sendo motivo de discriminação.

Aluna E - Nossas dificuldades em relação aos homens é a força física, isso nos diferencia deles, quanto ao preconceito algumas vezes somos discriminadas por possuímos essa força física "menor" [...].

Aluna F - Como mulheres, em algumas atividades somos excluídas, pois os homens pensam que não temos capacidade para tal ou não temos força.

Aluna G – [...] algumas vezes os homens não queriam deixar "fazer força" por achar que não conseguiria ou por achar que não se tratava de trabalho para mulheres.

A aluna E ressalta que, às vezes, os talentos femininos são “*resumidos e associados à nossa beleza*”.

As alunas D e F observam, também, a questão do assédio e o fato de os próprios superiores não aceitarem a presença feminina na corporação:

Aluna D - Por esse ser um meio totalmente masculino, a mulher precisa tomar muito cuidado com a questão do assédio.

Aluna F - Geralmente o preconceito que sofremos, sendo mulher, vem dos superiores, pois muitos não concordam que a mulher faça parte da corporação.

Por outro lado, alguns depoimentos, como o da aluna H, afirmam que a exagerada proteção às mulheres diminuiu no decorrer do curso:

Aluna H – No começo havia superproteção dos homens, companheiros de sala, não deixavam as meninas fazerem isso ou aquilo, por que é pesado, ou porque a gente vai se machucar, mas com o tempo essa superproteção foi ficando um pouco de lado, e acredito que não todos, mas a grande maioria veem as meninas como pessoas capazes para realizar todos os serviços inerentes a profissão bombeiro militar.

É preciso destacar, no entanto, que, por mais que o preconceito e a discriminação ainda possam ser sentidos na corporação, as mulheres podem e devem mostrar sua capacidade, não devendo desistir diante dos obstáculos:

Aluna D – Precisa buscar espaços nas áreas de atuação, porque a tendência é alocarem as mulheres no expediente, por não confiarem em seu trabalho na parte operacional.

Aluna F – Diante desses obstáculos é que temos que mostrar nossa capacidade, interesse pela profissão.

Aluna G – [...] creio que muita coisa já mudou em relação a isso e acredito que cada vez mais a mulher conquistará seu espaço no militarismo e em outros setores da sociedade como já vem ocorrendo.

A fala abaixo mostra o que já se sabe: nem tudo na atividade bombeiro militar exige força física, outro motivo pelo qual o paradigma de sexo frágil precisa ser superado:

Aluna G – Mesmo com muitas mudanças ao longo dos tempos a mulher ainda é vista como um ser frágil, delicado, que deve ser tratado com maiores cuidados, ou ainda que não serve para o trabalho "pesado" por não ter força ou outras habilidades. Entretanto na atividade dos Bombeiros sabemos que a força não se caracteriza como item essencial em todas as atividades. Existe um leque muito grande de funções que o bombeiro vem a exercer e às vezes a técnica, destreza, agilidade são mais importantes do que a força propriamente dita.

Apesar de, como diz a aluna D, “Acho que os homens têm medo de perder seu espaço”, a ideia não é superá-los, mas estar ao seu lado, em igualdade de condições, um complementando o outro com aquilo que cada um tem de melhor.

As mulheres já venceram muitos desafios, mas ainda há outros a superar. E, neste sentido, é preciso, também, o esforço da sociedade e das instituições em geral, propiciando realmente igualdade de condições para o trabalho de homens e mulheres.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi possível compreender a trajetória da mulher em sua inserção tanto no mercado de trabalho quanto na vida militar.

Desde tempos remotos, a mulher vem sendo considerada o sexo frágil, incapaz e dependente do homem, o ser forte, que deveria dominá-la, orientá-la e protegê-la. Chegou a ser considerada um objeto que podia ser manipulado ao sabor das vontades do pai e do marido, podendo até ser vendida ou dada como uma mercadoria qualquer.

Aos poucos, no entanto, a mulher foi tomando consciência de suas capacidades e dos seus direitos, inclusive o de ser livre para assumir sua vida da maneira que melhor lhe conviesse, de escolher uma profissão e trabalhar fora de casa buscando não apenas contribuir para a manutenção da família mas, acima de tudo, alcançar a realização pessoal.

Com o trabalho pioneiro de guerreiras como Joana D'Arc, Maria Quitéria, Ana Vieira, Ana Néri, dentre tantas outras, a mulher do mundo moderno destaca-se nas mais diversas profissões, desde o trabalho em minas subterrâneas e na construção civil até altos postos executivos, incluídos, aí, o serviço militar, seja nas Forças Armadas, seja nas polícias ou no corpo de bombeiros.

O caminho não foi curto nem fácil, mas repleto de desafios, derrotas e vitórias; a luta para quebrar paradigmas foi, e continua sendo, uma constante na busca por mostrar a capacidade feminina de superar dificuldades e desigualdades, de enfrentar obstáculos no dia a dia pessoal e profissional.

E a caminhada ainda não terminou, já que, alguns direitos conquistados pelas mulheres ainda não saíram do papel ou, como no caso do trabalho militar, continua relacionado, em sua maior parte, a serviços administrativos, burocráticos, confinado em gabinetes e quartéis. Não que isso seja desmerecedor: é que a mulher tem consciência de seu valor e quer, como garante o direito constitucional, a real igualdade entre masculinos e femininos. Está mais do que na hora de a sociedade entender que, para as mulheres, dificuldades e desigualdades são obstáculos transponíveis rumo à superação de paradigmas arcaicos e completamente ultrapassados.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Lúcia da Costa. **Formação da identidade da mulher militar**: análise do caso do serviço de saúde do Exército brasileiro. 2009. 56 f. Monografia (Curso de Formação de Oficiais do Serviço de Saúde)-Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.essex.ensino.eb.br/html/pos-graduacao/pcc_2009_cfo.htm>. Acesso em: 10 abr. 2012.

CALIL, Léa Elisa Silingowschi. Direito do trabalho da mulher: ontem e hoje. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, 40, jul./2007. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1765>. Acesso em 12 abr. 2012.

CAMARGO, Orson. **A mulher e o mercado de trabalho**, 2012. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

CANEZIN, Claudete Carvalho. A mulher e o casamento: da submissão à emancipação. **Revista Jurídica Cesumar** – Mestrado, América do Norte, v. 4, n. 1, p. 143-156, ago./2004. Disponível em: <<http://cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/revjuridica/article/view/368/431>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

CORALINA, Cora. **Assim eu vejo a vida**. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/Mjc1Mzg3/>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA. **Portaria nº 119/CBMSC/2006**, de 08 de junho de 2006. Aprova as Instruções Gerais para o Ensino e Pesquisa no âmbito do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (IG 40-01-BM). Disponível em: <<http://www.cbm.sc.gov.br/ccb/interno/densino/IG40.php>>. Acesso em 18 abr. 2012.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO RIO DE JANEIRO. **Corpo de Bombeiros comemora Dia Internacional da Mulher em Cabo Frio**, Mar./2012. Disponível em: <http://www.cbmerj.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2295:corpo-de-bombeiros-comemora-dia-internacional-da-mulher-em-cabo-frio&catid=43:Noticias-do-CBMERJ&Itemid=43>. Acesso em: 10 abr. 2012.

DIAS, Maria Berenice. **A escravidão feminina**, mar./2011. Disponível em: <<http://www.ibdfam.org.br/?artigos&artigo=714>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

_____. **Mulher cidadã**, 2010. Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/uploads/4_-_mulher_cidad%E3.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

FATOS & NOTÍCIAS. **Mulheres do Corpo de Bombeiros falam de igualdade e oportunidade na corporação**, mar./2010. Disponível em: <<http://www.fatosnoticias.com/mulheres-do-corpo-de-bombeiros-falam-de-igualdade-e-oportunidade-na-corporacao/>>. Acesso em: 06 abr. 2012.

GOMES, Luciana Ribeiro Maciello. **O direito da mulher**, 2007. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25415-25417-1-PB.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas**, mar./2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttestudoss.htm>. Acesso em: 10 abr. 2012.

LOMBARDI, Maria Rosa. **As mulheres nas Forças Armadas brasileiras: a Marinha do Brasil**. 2009. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/biblioteca/apresenta_textos.php?area=publicacoes>. Acesso em: 10 abr. 2012.

MAGNAVITA, Pilar. **Carreira militar**. Ago./2010. Disponível em: <<http://www.bolsademulher.com/dinheiro/carreira-militar-102420.html>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

MAINARDI, Diva Maria Oliveira. **A formação da mulher para se tornar policial militar em Mato Grosso**. 2009. 106 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação)-Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009. Disponível em: <[http://www.ie.ufmt.br/ppge/dissertacoes/index.php?autor_nome=a+forma%E7%E3o+de+mulher+para+se+tornar+policial+militar+em+mato+grosso&ano_base=&palavra_chave=&orientador="](http://www.ie.ufmt.br/ppge/dissertacoes/index.php?autor_nome=a+forma%E7%E3o+de+mulher+para+se+tornar+policial+militar+em+mato+grosso&ano_base=&palavra_chave=&orientador=)>. Acesso em: 10 abr. 2012.

MARIA MARIA. **As mulheres no serviço militar: um pequeno histórico**. Set./2010. Disponível em: <<http://mariamariamulheresemmovimento.blogspot.com.br/2010/09/as-mulheres-no-servico-militar-um.html>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

MELLO, Cesar Augusto de. **Compêndio de introdução ao direito do trabalho**: atualizado de acordo com a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. São Paulo: Madras Editoras, 2003.

NASCIMENTO, Amauri Mascaro. **Iniciação ao direito do trabalho**. 23. ed. rev. atual. São Paulo: LTr, 1997.

OLIVEIRA, Paulo André de. **A mulher e a evolução do trabalho**. 2004. Disponível em: <www.fmr.edu.br/publicacoes/pub_19.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2012.

PARRELA, Adriana Clarice Silva. **Efetivo do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Santa Catarina** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <joycekaiber02@hotmail.com> em 12 abr. 2012.

POSSAMAI, Camila Daboit. **A inclusão das femininas no Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina – CBMSC**. Curso de Formação de Soldados. Biblioteca CEBM/SC, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://biblioteca.cbm.sc.gov.br/biblioteca/index.php/component/docman/search_result>. Acesso em: 10 abr. 2012.

RODRIGUES, Willian Costa. **Metodologia científica**. 2007. Disponível em: <http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/3922/material/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2012.

SEBRAE. **Batons, sonhos e determinação**: jeitos femininos de empreender. São Paulo: SEBRAE, 2005.

SOUZA, Adriana da Silva. **Efetivo do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Santa Catarina** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <joycekaiber02@hotmail.com> em 12 abr. 2012.